

IDENTIDADE ETNICO- NACIONAL DE INDÍGENAS GUIANENSES EM BOA VISTA:

Notas preliminares

Raimundo Silva Lourenço¹

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar alguns dados sobre a construção da identidade étnico-nacional no meio urbano dos migrantes indígenas guianenses buscando compreender como essas identidades são construídas ou reconstruídas no espaço urbano da cidade de Boa Vista, no estado de Roraima. A imigração dos Macuxi e Wapichana e, conseqüentemente, sua vivência na sociedade nacional é complexa e, mais ainda, nas sociedade urbana que pressupõe um outro ritmo de vida, outros valores culturais. Esse processo requer desses imigrantes uma adequação ao aparato cultural nacional, mas também étnico, uma vez que Macuxi e Wapichana possuem parentes e transitam constantemente entre as fronteiras étnicas e nacionais.

Palavras-chave: Identidade, nacionalidade, etnicidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar a questão da identidade étnica e nacional dos guianenses em Boa Vista – RR. A região de fronteira com a República Cooperativista da Guiana é de intensa movimentação migratória entre os dois países. A escolha do tema e a definição das etnias deve-se ao fato de que Macuxi e Wapichana formam o maior contingente em Boa Vista

¹É aluno do curso de Ciências Sociais da UFRR, Sociologia da UERR e de iniciação científica vinculado ao Grupo de pesquisa Migração que atualmente desenvolve o projeto: “Deslocamentos Populacionais na tríplice fronteira: Brasil – Venezuela – Guiana”. E-mail: rs_lourenco@yahoo.com.br

(NAMEM et al, 1999, p. 2; RODRIGUES, 2002, p. 15).

A pesquisa foi realizada com os moradores do “Bairro Monte das Oliveiras”. Utilizei a técnica de entrevistas semidirigida, com o grupo de imigrantes que vivem na cidade. Na primeira fase, procurei traçar um quadro do modo de vida dessas pessoas no referido bairro, bem como identificar as formas e estratégias de relacionar-se com outra cultura, em um outro país, em um espaço urbano.

Nesta pesquisa, utilizamos para entrevista o questionário que se encontra no projeto “Trabalho e Marginalização Indígena em Boa Vista-RR” que pretende fazer um diagnóstico das condições de vida dos índios na cidade de Boa Vista. Entrevistamos no total 22 indígenas. 13 indígenas “clandestinos” no aterro sanitário entre os meses de maio e junho de 2007 e 09 indígenas no Monte das Oliveiras durante o mês de novembro do mesmo ano.

A pesquisa de campo se iniciou no dia 10 de novembro se estendendo até o mês de dezembro. Ao longo da pesquisa fomos acompanhados por estudantes do curso de Sociologia da Universidade Estadual de Roraima e por um voluntário da Pastoral da Criança que faz o acompanhamento dos filhos de alguns moradores, sendo importante para o contato com os pesquisados.

Os índios Macuxi e Wapichana têm uma longa história de conflitos e relações étnicas na fronteira Brasil/Guiana. Constituem populações de milhares de indivíduos espalhados em situações muito distintas, vivendo e trabalhando em fazendas e cidades, em especial em Boa Vista. Constituem-se em comunidades de fricção étnicas, que se identificam, conforme Baines (2003) com organizações indígenas de interesses antagônicos. Esse antagonismo pode ser observado, por exemplo, na disputa entre CIR (Conselho indígena de Roraima) e SODIUR (Sociedade de Defesa dos Indígenas Unidos do Norte de Roraima).

Segundo Baines (2003) como todos os povos indígenas do maciço guianense, os Macuxi e Wapichana foram e estão sendo construídos historicamente através de processos de fusão de grupos étnicos. Esses povos se constituem com uma longa história de colonização e contatos intensivos e contínuos com os regionais dos dois países.

NACIONALIDADE E ETNICIDADE

O termo *nação* sempre foi discutido e rediscutido pelos cientistas sociais, sem muita

objetividade, e muitas vezes ficam na superfície. Nação é um conceito aparentemente simples, mas é um termo bastante discutido e muitas vezes confundido com *raça, etnia, povo*. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.33).

Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998) as confusões entre os termos “nação” e “etnicidade” estão no centro de novas questões e perspectivas. Hobsbawm (1990) vai observar que não se pode definir nação por meio de critérios objetivos. Primeiro porque qualquer critério utilizado como (*língua, etnia, cultura, história, território, religião, etc*) é flutuante. Segundo, porque é sempre possível encontrar exceções. Ou seja, os outros conceitos que são utilizados para tentar definir nação também são discutíveis, conforme afirma Hobsbawm (1990), para quem,

... Os critérios utilizados para esse objetivo - língua, etnicidade ou qualquer outro – são em si mesmos ambíguos, mutáveis, opacos e tão inúteis para os fins de orientação do viajante quanto o são as formas das nuvens se comparadas com a sinalização da terra. (HOBSBAWM, 1990, p. 15)

Ainda conforme Hobsbawm (1990), nem o critério objetivo, nem o subjetivo são satisfatórios para a definição de nação, pois ambos são enganosos. Coloca então a hipótese de que nação é como “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos integrantes consideram-se como membros de uma *nação*”. (p. 18)

Anderson (1990) vai definir nação como uma comunidade imaginada. Para esse autor, nação “é uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana”. (p. 25). Portanto, partimos da definição de nação como uma “comunidade imaginada”, como um corpo de pessoas que se identificam com os membros num processo de identificação.

OS INDÍGENAS GUIANENSES EM BOA VISTA

Os imigrantes guianenses, indígenas, nos levam a pensar como a identidade nacional pode ser manipulada, fazendo com que individualmente ou em grupo as identidades sejam utilizadas de acordo com o contexto. Para cruzar a fronteira, muitas vezes os indígenas utilizam táticas para driblar a burocracia dos postos de fronteira. Isso pode ser observado no depoimento

abaixo coletado por Rodrigues (2002, p. 57)

Quando eu vou, sempre levo as minhas duas filhas pequenas comigo. Nos postos eles pedem os documentos, o passaporte. Do lado do Brasil, eu falo inglês e digo que sou índia, não tenho documentos e estou indo visitar meus pais que moram na Guiana que trabalho e moro no Brasil, mas que ainda não tenho documentos. Acho que os fiscais não entendem o que eu falo, mas me deixam passar (...) Agora, lá em Massara, a gente fala macuxi. (Índia Macuxi, 23 anos, 08/01/96).

Isso mostra que os indígenas utilizam diferentes identidades, que vão sendo evidenciadas de acordo com a necessidade de um outro aparato cultural. Na perspectiva dos índios, é um modo de sobrevivência, o uso de diferentes identidades em diferentes momentos.

Como os complexos de identidade são construções, a identidade nacional é construída e o nacionalismo utilizado como um valor ideológico, no qual o indivíduo tem que se sentir pertencente a uma determinada cultura. Para que exista uma identidade logo é necessário haver a diferença. O processo de definição é também de negação, sendo assim identidade e diferença são dependentes (SILVA, 2000, p. 74-76). Os guianenses se deparam com o dilema do diferente, geralmente reconsiderando aspectos culturais, adquirindo novos hábitos, dentro de uma diferente organização social, muitas vezes sofrendo uma fragmentação da identidade nacional, passando a se identificar mais com o Brasil que a Guiana.

Para que o nacionalismo seja construído, é necessário uma história, “ um mito fundante”, algo que estimule as lembranças passadas. Sendo assim, é relevante o argumento de Hobsbawm (1990, p.19), quando diz que o nacionalismo vem antes da nação, sendo o nacionalismo que forma as nações. Sabemos que é a partir do sentimento de pertença que se forma uma identidade nacional e o nacionalismo. Na verdade, as identidades são construídas em um determinado momento, atribuídas, sustentadas e transformadas socialmente. Não é algo pré-existente, é, portanto um processo de construção de significados com base em atributo cultural e que constituem significados para os próprios atores. (CASTELLS, 1999, p. 22-23).

O conceito de identidade associado ao de etnia passou a ser usado mais sistematicamente apenas na década de 70 a partir do trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira, tornando-se um instrumento analítico útil para explicar as relações decorrentes do contato entre grupos sociais extremamente diferenciados, como as sociedades indígenas e as diferentes frentes

de expansão da sociedade nacional. (LARAIA, 1988, p. 109)

O trabalho de Cardoso de Oliveira sobre fronteiras é importante, porque contribui para o entendimento de como alguns povos se relacionam com os Estados-Nacionais, *fricção Interétnica*. Conforme esse mesmo autor (1976) a identidade é relacional e tem duas dimensões: uma pessoal e outra social. Os indígenas utilizam diferentes identidades, mas o que podemos perceber é que eles tentam se aglomerar em grupos de “parentes”, não importando a nacionalidade. Por isso convivem no mesmo bairro e como parentes, indígenas das duas etnias, tanto brasileiros quanto guianenses, que vivem em condições similares, conseqüência, conforme Rodrigues (2002), do “fio do desencanto”, que se transforma a trajetória desses atores.

O deslocamento de indígenas para a cidade muitas vezes faz com que se formem aglomerados de indígenas vivendo em condições marginais. Rodrigues (2002) observa a presença de índios catando lixo, diz essa autora que “Em meados de 96, quando realizei uma pesquisa com catadores de lixo na lixeira pública, observei que muitos deles são índios das etnias Macuxi e Wapichana, inclusive alguns provenientes da Guiana”. (p.69) Quanto a essa questão de marginalização, entre os meses de maio a julho de 2007 foi realizada uma pesquisa no aterro sanitário de Boa Vista na qual se detectou a presença de um grande número de indígenas das etnias Macuxi e Wapichana, além de guianenses indígenas, catando lixo clandestinamente.

Conforme Baines (2006), muitos dos guianenses habitantes da fronteira afirmam que as populações indígenas não têm futuro com o governo de Georgetown, colocando suas esperanças no Brasil e considerando-o como grande sucesso econômico e como um caminho para acabar com a pobreza acentuada e dos conflitos políticos e étnicos (p. 89).

Ainda segundo Baines (2006), na região do Rupununi o Brasil é visto como "gigante da América do Sul", o que colabora para o deslocamento na região da fronteira Brasil-Guiana. Isso pode contribuir para que guianenses mesmo vivendo em condições precárias, tenham uma maior identificação com o Brasil, haja vista que os indígenas transitam entre os dois países sem muita preocupação com a fronteira.

Em Boa Vista, em especial no Bairro monte das Oliveiras, constatamos que a grande maioria dos indígenas não conhece o CIR (Conselho Indígena de Roraima), a OPIR (Organização dos Professores Indígenas de Roraima), a APIR (Associação dos Povos indígenas de Roraima) ou qualquer outra organização indígena, o que nos leva a constatar que essas organizações não atuam freqüentemente no meio urbano, isso vem colaborar com as afirmações de Rodrigues

(2002), para quem as organizações indígenas têm pouca atuação na cidade de Boa Vista.

Entretanto, observamos que quase todas as famílias, do referido bairro, recebem do governo do Estado de Roraima o “vale Solidário”, um vale alimentação que é distribuído todos os meses para a população mais carente. São práticas comuns no Estado de Roraima, as políticas assistencialistas tais como: distribuição de peixe na Semana Santa, brinquedos no dia da criança, *kit* para gestantes, redes, cesta básica etc. Penso que isso colabora para o discurso comum na sociedade local, taxando os índios de “preguiçosos”.

A grande maioria dos indígenas entrevistados pretende continuar morando definitivamente em Boa Vista o que comprova que para os moradores do monte das oliveiras, essa cidade não é mais apenas um local de passagem e sim de fixação, já que muitos habitam o local há mais de 8 anos, contrariando a análise de que Boa Vista é mais um local de passagem desses povos.

O principal motivo relatado pelos entrevistados, para a presença, em Boa Vista, é de ordem econômica, ou seja, a procura por trabalho, o que confirma as afirmações de Rodrigues (2002). No entanto uma mulher Wapichana relatou tratamento de saúde, como motivo de sua vinda para a cidade.

Apesar de conseguirem apenas trabalhos informais, os mesmos ainda acreditam que é fácil conseguir emprego nesta cidade. Verificamos que as mulheres entrevistadas em sua maioria, conseguiram emprego de doméstica. Os entrevistados ainda nos informaram que têm outros parentes indígenas em Boa Vista que também trabalham em atividades consideradas informais, tais como: domésticas, borracheiros, camelôs e horticultores.

Outra preocupação que tivemos foi “saber como era para essas pessoas se sentir índio guianense em Boa Vista?”. Entre as várias respostas, uma nos chamou mais atenção: “Todo tempo me sinto estrangeira”. (Mulher wapichana, 26 anos, 10/11/2007). Segundo essa mulher, mesmo a bastante tempo em Boa Vista, ela ainda se sente guianense, permanecendo *estrangeira* mesmo cercada por *parentes* guianenses. É interessante compreender que por mais que esses atores possam adquirir novos aparatos culturais, o sentimento de pertença, principalmente étnico, é muito forte.

Como observa com muita relevância Castells (1999) a identidade tem esse poder de se (re)afirmar, levando os atores a se sentirem pertencentes a determinadas identidades, mesmo tendo adquirido novos aparatos, fazendo (re)surgir valores da cultura nativa. Concordo também com Anderson (1990) quando afirma que a nação moderna é uma comunidade imaginada,

imaginada ao mesmo tempo como limitada, soberana e como uma comunidade. (p. 26-27) O nacionalismo, ainda segundo Anderson, se constitui alinhado a os outros sistemas culturais que vêm antes dele, é a partir desse diversos aparatos que o nacionalismo vai sendo construído. O que é fundamental para a idéia do que entendemos por nação e nacionalismo, este vem antes daquela.

É importante ressaltar, que também notamos a preocupação que esses povos têm em preservar a cultura inicial, reafirmando os valores e a identidade indígena. Uma mulher Wapichana afirmou que sempre quando pode procura se comunicar com seus familiares através da língua materna, contribuindo para a afirmação da cultura guianense, de certa forma fazendo trocas simbólicas entre as fronteiras étnicas, nacionais culturas. Quando o indígena afirma que conversa com seu filho na língua materna, é relevante para a preservação da língua indígena que historicamente passa por processos de extinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos afirmar é que o grupo pesquisado tem múltiplas identidades, que são usadas em momentos oportunos. Em Boa Vista, eles vão construindo outras identidades, outras formas de agir, através de um novo aparato cultural.

A pesquisa se encontra em andamento, mas como conclusões, ainda parciais, percebo que a imigração dos macuxi e wapichana e, conseqüentemente, sua vivencia na sociedade nacional é complexa e, mais ainda, nas sociedade urbana que pressupõe um outro ritmo de vida, outros valores culturais. Esse processo requer desses imigrantes uma adequação ao aparato cultural nacional, mas também étnico, uma vez que macuxi e wapichana possuem parentes e transitam constantemente entre as fronteiras étnicas e nacionais.

Percebemos ainda que os indígenas possuem multiplas identiades, que são direcionadas para cituações específicas, principalmente nas relações de fronteira. A identidade desses indígenas é ainda relacional, pois transitam por nacionalidades distintas e grupos étnicos, fazendo o sentimento de pertencimento étnico-nacional

No entanto ainda falta uma pesquisa que venha colaborar para a compreensão mais geral da migração de Guianense, em especial dos indígenas, e como se dá a inserção desses atores no meio urbano.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BAINES, Stephen Grant. **Os índios makuxi e wapichana e suas relações com estados nacionais na fronteira Brasil - Guiana**. Brasília: Departamento de Antropologia, UnB, 2003. (Série Antropologia)
- BAINES, Stephen Grant. A fronteira Brasil-Guiana a partir de perspectivas dos índios Macuxi e Wapichana. In: ROCHA, Leandro Mendes. (org). **Etnicidade e nação**. Goiânia: Cênone Editorial, 2006.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen Grant. (orgs) **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: UnB, 2005. (Coleção Américas)
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2)
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LARAIA, Roque de Barros. **Identidade, Etnia**. In: Pós-modernidade. Construção do Gênero. Parentesco. Crítica. Brasília, UnB, 1988. (Anuário antropológico, 86)
- NAMEM, Alexandro Machado. et. al. **Trabalho e marginalização indígena em Boa Vista (Roraima)**. Universidade Federal de Roraima-UFRR. PNOPI/CAPES. 1999.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.
- RODRIGUES, Lana Araújo. **O fio do desencanto: trajetória espacial e social de índios urbanos em Boa Vista (RR)**. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.